

## INOVAÇÕES SUSTENTADAS NO CONTEXTO DO ENSINO BÁSICO

Tales dos SANTOS<sup>1</sup>

Doutorando em Língua Portuguesa- Universidade Presbiteriana Mackenzie

**RESUMO:** Neste artigo, discutimos tópicos do ensino híbrido para verificar as possibilidades de aplicação dos modelos de rotação por estações e laboratório rotacional no ciclo autoral do ensino público municipal de São Paulo. Organizamos o artigo em três partes: na primeira, apresentamos a diferença entre inovação sustentada e inovação disruptiva; na segunda, discutimos a relação entre os documentos norteadores e os resultados de desempenho do ensino público de São Paulo para justificar a inserção de inovações sustentadas no currículo; na terceira, apresentamos uma proposta de atividade para o ensino de línguas no contexto contemporâneo. Indicamos, nas considerações finais, que a utilização de modelos híbridos reconfigura a atuação docente rumo ao processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

**Palavras-chave:** Ensino híbrido. Inovações sustentadas. Ensino de línguas.

### Considerações iniciais

Neste artigo, procuramos contribuir de maneira significativa para a gestão do currículo da rede de ensino da cidade de São Paulo por meio de modelos inovadores nos quais os resultados da aplicação tenham evidenciado sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Nessa contribuição, procuramos cooperar com sugestões de inovações para o período educacional que mais tem apresentado resultados insatisfatórios em avaliações externas: o ciclo autoral.

É constatado que, por meio dos dados do IDEB 2017, quanto mais os alunos progredem de ano escolar, maior é a taxa de reprovação dentro do ciclo autoral. Este ciclo é constituído pelos três últimos anos do ensino fundamental: sétimo, oitavo e nono ano. Ao passo que o sétimo e oitavo anos correspondem respectivamente a 6,7% e 7,2% de taxa de reprovação, o nono ano apresenta a taxa de 14,6%. Este último ano tem a maior taxa de reprovação de todo o ciclo, por isso é nosso alvo de reflexão e intervenção.

Outro dado importante consiste na situação das escolas municipais, nas quais 55,4% se enquadram no estado de alerta, 41,0% em estado de atenção, 3,6% na situação de melhorar e 0% se enquadra na situação de manter o desempenho (BRASIL, 2017). Tais dados são interpretados do mais insatisfatório ao mais satisfatório. Além disso, o resultado insatisfatório é herança desde a criação da avaliação externa, em 2005. Isso significa que as escolas

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: talesds1@gmail.com

necessitam de intervenções no que diz respeito à qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Mas quais são as justificativas para o fracasso escolar dos alunos estar concentrado quase que exclusivamente nos anos finais do ensino fundamental? Quais são as medidas que podem ser tomadas para desacelerar a queda constante do desempenho no decorrer dos anos finais? Construir soluções palpáveis nos motivam a intervir em pontos vitais para um possível progresso qualitativo.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo deu um grande passo para reverter os resultados negativos lançando o Currículo da Cidade de São Paulo em dezembro de 2017. O currículo compreende todos os componentes curriculares – Língua Portuguesa, Matemática, Educação Física, Língua Inglesa, Arte, História, Geografia, Ciências Naturais e Tecnologias para a aprendizagem. É o primeiro currículo no Brasil que já está alinhado com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e que foi construído de maneira dialógica e colaborativa por numerosos professores da rede municipal.

É possível que no próximo cálculo do IDEB, em 2019, os dados possam apresentar resultados satisfatórios significativos já que houve a consolidação de um currículo no qual, além de professores, foram ouvidos os alunos para se entender como eles enxergam a escola, como enxergam o processo de ensino-aprendizagem e quais são os fatores que os educandos mais relatam contribuir para que possam aprender melhor.

Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa e eficaz, é necessário entender as propostas do currículo, adequar as aulas ao contexto do educando e verificar e avançar contra as defasagens existentes para promover progresso real. Mas como seria possível constatar e enfrentar as defasagens num contexto em que professores têm mais de trinta alunos por sala e de cinco a doze turmas? A resposta para uma gestão eficaz do currículo, que possa encontrar e reverter as defasagens reside num processo educativo chamado ensino híbrido.

### **Ensino híbrido: inovação sustentada e inovação disruptiva**

O ensino híbrido permite ao docente promover uma gestão eficiente do processo de ensino-aprendizagem. A eficiência significa executar um processo de maneira correta, com qualidade expressiva com o menor número de erros (DRUCKER, 1990). No entanto, para se atingir a eficiência almejada, o papel do professor é reconfigurado para o papel de

tutor/orientador, que carrega consigo altas expectativas sobre o desempenho dos seus tutorandos/orientandos. Sobre a noção de eficiência aplicada ao mundo da educação, Horn explica que:

A decisão de posicionar empresas ou produtos em um ponto em uma fronteira de eficiência entre concessões [...] é o que meus amigos Michael Raynor e Michael Porter chamam de “estratégia”. Na educação, algumas delas poderiam ser as seguintes: O modelo de ensino deve ser de mão única (palestra) ou de mão dupla (discussão)? Nosso modelo deve ser baseado em aulas particulares ou no ensino em grupo? Devemos construir escolas grandes para tirar partido das economias de escala ou devemos preferir escolas menores com menos alunos por professor? Essas são concessões estratégicas ao longo de uma fronteira teórica. Após uma concessão estratégica ter sido feita, os tipos de inovação em que os educadores se focalizam são chamados de “inovações de sustentação”. Esses tipos de inovação tornam bons produtos ainda melhores. Eles ajudam a fazer de maneira eficaz as concessões estratégicas selecionadas (HORN, 2015, p. XV.).

As concessões citadas anteriormente são maneiras de abrir mão de algo com o objetivo de promover avanços em seu curso final. Essas concessões no âmbito da educação são chamadas de inovações sustentadas, ou seja, a inovação “sustentada é criar uma solução híbrida que dê aos educadores “o melhor dos dois mundos”, isto é, as vantagens do ensino *online* combinadas a todos os benefícios da sala de aula tradicional”. (HORN, 2015, p. XV.).

Ainda sobre as inovações sustentadas, podemos interpretar que são mudanças em um nível mais simples, porém não significa menos importante, no contexto escolar. Para isso, equipes funcionais ou equipes de peso leve, que são, respectivamente, equipes que lidam com uma parte de um processo e que atuam em situações de interdependência previsíveis, trabalham na zona híbrida. Essa zona corresponde ao uso da sala de aula convencional aliada aos benefícios do ensino *online* e tem como elemento principal o modelo de sala de aula em rotação, seja por rotação em estações, por laboratório rotacional ou por sala de aula invertida.

O modelo de rotação diz respeito a “[...] qualquer curso ou matéria em que os estudantes alternam – em uma sequência fixa ou a critério do professor – entre modalidades de aprendizagem em que pelo menos uma seja *on-line*” (HORN, 2015, p. 37). No modelo de rotação, temos as seguintes subdivisões: rotação por estações, em que os alunos alternam entre estações temáticas, seguindo um determinado tempo para mudar de estação; laboratório rotacional, em que os alunos vão ao laboratório de informática para continuar o curso da sala de aula (o laboratório é a parte física da escola em que os estudantes realizam o componente do ensino *online*) e sala de aula invertida:

Em uma sala de aula invertida, os estudantes têm lições ou palestras *on-line* de forma independente, seja em casa, seja durante um período de realização de tarefas. O tempo na sala de aula, anteriormente reservado para instruções do professor, é, em vez disso, gasto no que costumamos chamar de “lição de casa”, com os professores fornecendo assistência quando necessário. [...] o tempo em sala de aula não é mais gasto assimilando conteúdo bruto, um processo amplamente passivo. Em vez disso, enquanto estão na escola, os estudantes praticam resolução de problemas, discutem questões ou trabalham em projetos (HORN, 2015, p. 43).

Cabe acrescentar que a ideia desses modelos de rotação, bem como a ideia do ensino híbrido é desenvolver

[...] um programa de educação formal, no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio de ensino *on-line*. Nesta modalidade, o aluno exerce algum tipo de controle em relação ao tempo, ao lugar, ao caminho e/ou ritmo, e as atividades são realizadas, pelo menos em parte, em um local físico supervisionado longe de casa. As modalidades, ao longo do caminho de aprendizagem de cada estudante em um curso ou uma disciplina, são conectadas para fornecer uma experiência de aprendizagem integrada (HORN, 2015, p. 53).

Em oposição, temos o modelo de inovação disruptivo. Tal modelo tem como fundamento criar uma ruptura no modelo tradicional de sala de aula, diferentemente do modelo sustentado, que promove melhorias. Sobre os modelos disruptivos de ensino híbrido, Horn esclarece que:

Existe um princípio básico simples para identificar um modelo disruptivo de ensino híbrido: *se os alunos estão aprendendo em um contexto híbrido, e você não consegue imaginar onde é a frente da sala de aula, então provavelmente é um modelo disruptivo*. Esta diretriz não é invulnerável, mas geralmente funciona. O ensino *on-line* é tão central à gestão e ao acompanhamento da aprendizagem do aluno que a maioria dos antigos construtos que definem a sala de aula tradicional – como um quadro-negro ou um quadro-branco na sala de aula – não são mais relevantes. Idealmente, o papel do professor passa de “detentor do saber” para um membro ainda ativo – ou mesmo um planejador – do processo de aprendizagem, porém em um papel muito diferente, frequentemente na forma de tutor, facilitador de discussão, líder de projetos práticos ou conselheiro (HORN, 2015, p. 74).

Os modelos que caracterizam a inovação disruptiva de ensino híbrido são: o modelo flex, o modelo à la carte, o modelo virtual enriquecido e a rotação individual. No primeiro modelo, “os alunos [...] têm uma lista a ser cumprida, com ênfase no ensino *on-line*. O ritmo de cada estudante é personalizado, e o professor fica à disposição para esclarecer dúvidas”. (BACICH et al., 2015, p. 58). No segundo modelo, “o aluno é responsável pela organização

de seus estudos, de acordo com os objetivos gerais a serem atingidos, organizados em parceria com o educador” (BACICH et al., 2015, p. 58).

No terceiro modelo, os alunos têm, em todas as disciplinas, o tempo de aprendizagem dividido entre o presencial e o *on-line*, os alunos geralmente se apresentam na escola uma vez por semana. Por fim, o último modelo é caracterizado por existir uma lista de propostas com temas a serem estudados, a criação de uma “*playlist*” para cada aluno e uma agenda diária individual são elementos essenciais para esse modelo (BACICH et al., 2015).

A princípio, os modelos disruptivos parecem estar muito distantes de acontecer em um contexto de educação básica da esfera pública municipal. No entanto, os modelos de inovação sustentada se apresentam como palpáveis para tal contexto. Dessa forma, propomos, na próxima seção, um estudo da BNCC e de sua relação com o currículo da rede de ensino da cidade de São Paulo, e na última seção, apresentamos sugestões de inovações sustentadas palpáveis.

### **Relação entre a Base Nacional Comum Curricular, o currículo da rede de ensino da cidade de São Paulo no componente de Língua Inglesa e o IDEB**

Nesta seção, discutimos os resultados de desempenho do ensino público municipal de São Paulo para justificar a inserção de inovações sustentadas no currículo. Iniciamos com uma apresentação da composição da BNCC, em seguida, tratamos brevemente do currículo da cidade de São Paulo e, por fim, discorremos sobre a relação desses documentos com o resultado do IDEB em 2017.

O documento que rege de norte a sul e de leste a oeste a questão da educação básica no Brasil é a BNCC. Este documento tem por objetivo ser referência para a constituição dos currículos de estados e municípios. O documento norteador é visto como uma política educacional plural, contemporânea e articulada que visa a promoção de uma educação integral dos educandos. Entende-se por educação integral a formação completa dos alunos, sujeitos ativos em sua aprendizagem e participantes da sociedade como cidadãos.

Além disso, o documento é composto de aprendizagens essenciais que todos os alunos do território nacional devem desenvolver ao longo das etapas da educação básica. As aprendizagens essenciais dizem respeito a competências gerais, habilidades, atitudes e valores para solucionar as questões da vida cotidiana, bem como ao exercício da cidadania e a vivência para o mundo do trabalho. Incluem-se também os direitos e os objetivos de

aprendizagem para a formação do currículo que será construído por determinada entidade, particular ou pública.

Dessa forma, a BNCC é um documento normativo que deve servir como guia principal para a constituição de outros currículos. A estrutura da BNCC no ensino fundamental está orientada a áreas do conhecimento – linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso; a competências específicas de área; a componentes curriculares – Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Matemática, Ciências, Geografia, História e Ensino religioso; e a competências específicas do componente curricular.

A etapa dos anos finais do ensino fundamental, conforme a BNCC, é interpretada como uma fase em que os alunos encaram desafios de grande complexidade. Nessa etapa é necessário fortalecer a autonomia, considerar a cultura digital e suas tecnologias de informação e comunicação e contribuir para o projeto de vida dos estudantes. Na BNCC, a área de linguagens tem por objetivo

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil (BRASIL, 2017, p. 61).

E, em composição, a BNCC, no que diz respeito ao componente curricular de Língua Inglesa, normatiza a função social e política do inglês, seu *status* de língua franca, aborda a perspectiva dos multiletramentos e orienta os grandes temas por meio de eixos organizadores: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural.

Em relação dialógica, o currículo da rede de ensino da cidade de São Paulo está alinhado às demandas da BNCC, sendo redundante comentar todos os seus aspectos. O que se destaca no documento municipal é a preocupação em alinhar a tradição – experiências e práticas já existentes na rede municipal de ensino – com a inovação – novas perspectivas, novos objetivos. Outro ponto de divergência positiva com a BNCC é que o componente curricular de São Paulo considera a aprendizagem de Língua Inglesa desde o primeiro ano do Ensino Fundamental, ao passo que a BNCC estabelece eixos e objetivos de aprendizagem somente a partir do sexto ano.

A relação entre os documentos oficiais e os resultados apresentados pelo IDEB é, em última instância, uma relação de novidade, pois no mesmo ano que saiu o resultado, os documentos foram entregues às instituições e professores para implementação. O documento

orientador de São Paulo, por exemplo, foi entregue no final de dezembro de 2017, impossibilitando, desse modo, qualquer implementação no referido ano.

Já 2018 foi o período no qual a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo realizou a formação de professores para que os docentes pudessem refletir, compreender e implementar o currículo nas escolas. As formações aconteceram por componentes curriculares, para que um professor por componente tivesse a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimentos com os demais docentes, em horário de formação, objetivando-se a multiplicação do conhecimento adquirido.

A tarefa de implementação de uma base comum a todos os municípios do Brasil é um esforço para reduzir as desigualdades e, ao mesmo tempo, permitir avanços na educação de qualidade. Tal esforço tem, em grande parte, a preocupação com os resultados das avaliações de larga escala que constantemente revelam dados alarmantes em relação ao desempenho dos educandos em vários estados.

Em São Paulo, os dados em relação ao município também são preocupantes, pois a taxa de reprovação nos anos finais do ensino fundamental é alta, principalmente a taxa de reprovação do nono ano, conforme indicamos nas considerações iniciais. A taxa de reprovação alta significa que os estudantes não estão conseguindo alcançar o mínimo dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do ano em questão, impedindo, dessa forma, o prosseguimento para o ensino médio.

Desse modo, faz-se necessário sugerir propostas de atividade na área de linguagens para contribuir para a diminuição da taxa mencionada. A contribuição tem início com o entendimento de que o ciclo autoral trabalha os gêneros textuais com foco no processo de produção, o aluno é o próprio leitor e revisor de sua produção, em conjunto com colegas, e com mediação do professor.

Com esse fundamento em evidência, como é possível aplicar um modelo de ensino híbrido em um contexto que exige o processo de produção textual como ponto central da aprendizagem? Na próxima seção, evidenciaremos uma proposta de atividade para o nono ano compondo os objetivos de aprendizagem e o modelo de ensino híbrido.

### **Proposta de atividade no modelo de inovação sustentada para o ensino de língua inglesa no ciclo autoral**

De acordo com Horn (2015, p. 273), o planejamento da experiência do aluno antecede a escolha de um modelo de ensino híbrido. Dessa forma, primeiro escolhemos qual será a experiência do aluno: criar uma fotonovela. Este gênero tem relevância pelo seu caráter multimidiático: combinação de elementos verbais e não verbais – fotos, escrita, emoticons. Em seguida, escolhemos os eixos: práticas de produção de textos escritos e prática de análise linguística e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: (EF09LI14) Produzir textos (infográficos, fóruns de discussão *online*, fotorreportagem, campanhas publicitárias, memes, entre outros) sobre temas de interesse coletivo local ou global, que revelem posicionamento crítico, e (EF09LI16) Utilizar conectores indicadores de adição, condição, oposição, contraste, conclusão e síntese como auxiliares na construção da argumentação e intencionalidade discursiva.

Cabe orientar os professores que é possível e válido combinar eixos e objetivos de aprendizagem diferentes desde que haja um objetivo específico em uma atividade/projeto. Em seguida, escolhemos o modelo de ensino: rotação por estações. Considerando hipoteticamente uma sala de nono ano com a média de 34 alunos, a sala pode ser dividida em cinco estações, com 6,8 alunos em média por estação. É provável que a experiência de criar uma fotonovela dure muitas aulas e se torne um projeto bimestral, dessa forma, é necessário que o professor inicie a aula expondo o objetivo e demonstre que está com altas expectativas em relação ao processo e ao produto.

A sugestão das cinco estações são: uma estação com três *notebooks* com acesso à internet para acessar aulas de gramática para compreender o que são e como é possível utilizar conectores em inglês; uma estação com cópias de explicações e exercícios sobre conectores; uma estação com dois ou três *notebooks* com acesso à internet para pesquisar fotonovelas e outros tipos de histórias em quadrinhos; uma estação com conteúdo impresso sobre enquadramentos e planos utilizados na fotografia e no cinema para produção de efeitos de sentido e sobre figurinos; e, por último, uma estação com temas contemporâneos e de relevância social e com instruções de como usar aplicativos para produzir fotonovelas.

Em cada estação, é necessário determinar um tempo e solicitar que os alunos rodem ao término desse tempo e produzam relatórios/resumos sobre o que aprenderam. Quando todos os grupos tiverem passado por todas as estações, é desejável que o professor realize uma atividade de sistematização, oral ou escrita, para verificar habilidades que ficaram com alguma deficiência e retomá-las durante a produção da fotonovela. No entanto, o professor como tutor/orientador pode fazer intervenções durante a permanência dos alunos nas estações,



desse modo, a chance de erros dos educandos na sistematização diminui de maneira considerável.

Ainda na sistematização, o professor pode encerrá-la dando ênfase aos temas sociais relevantes e pode separar os grupos por interesse ou por algum critério pedagógico para produzir a fotonovela. O processo de produção pressupõe que cada integrante desenvolva um papel bem específico e, ao final dela, desenvolva um relatório sobre sua atuação. O interessante nesse tipo de produção verbo-visual é que outros espaços, como corredor, pátio, salas de coordenação, banheiros, brinquedoteca, são utilizados como espaços pedagógicos. Os alunos aproveitam esses espaços para compor o cenário do enredo criado. Estimular a criatividade, ter altas expectativas e acordar com a equipe gestora da escola sobre o uso de outros espaços para execução da atividade são elementos que não podem ser ignorados.

A duração de tal atividade pode variar assim como o modelo de inovação, muitas vezes pode não ser possível ter as estações que necessitam de acesso à internet. A sugestão para resolver o obstáculo é trocar o modelo de rotação por estações pelo modelo de laboratório rotacional, no qual os alunos dão continuidade, na sala de informática, ao que começaram na sala de aula. Independente do modelo a seguir, é necessário sempre planejar a experiência primeiro para, em seguida, planejar qual modelo de ensino híbrido pode potencializar a aprendizagem dos educandos.

Para finalizar as aulas referentes à criação de uma fotonovela, é desejável que haja um momento de compartilhamento dos produtos, um momento para discussão dos temas abordados nos produtos e, por fim, um momento de *feedback* individual e coletivo, dando ênfase aos objetivos alcançados, objetivos parcialmente alcançados e objetivos não alcançados. A atividade, durante seu processo ou ao ser encerrada, pode ser um instrumento motivador para o professor engrenar outros eixos e outros objetivos de desenvolvimento e aprendizagem; o alcance de articulação entre eixos, objetos e objetivos de aprendizagem só terá um limite quando as possibilidades de associação e significação se esgotarem.

### **Considerações finais**

Procuramos, neste artigo, mostrar que o ensino híbrido tem ferramentas que podem ajudar a diminuir ou reverter a situação negativa das altas taxas de reprovação de nonos anos. Apontamos para as definições de inovações sustentadas e inovações disruptivas, estabelecemos uma relação entre os documentos norteadores e o IDEB, e, por fim, sugerimos,

de maneira breve, uma atividade de língua inglesa com o objetivo de exemplificar a utilização dos modelos de inovação sustentada: rotação por estações e laboratório rotacional.

O trabalho docente em um nono ano no contexto da rede de ensino da cidade de São Paulo não é fácil; o professor tem que lidar com as questões psicológicas, sociais e biológicas do educando, que ainda está em fase de descobertas, sejam elas de ordem emocional, sexual ou social. Além disso, há uma responsabilidade maior nesse ano escolar, pois os alunos estão em fase de conclusão do trabalho colaborativo de autoria, mais conhecido como TCA. Nessa fase, formam-se grupos para inserir/executar uma proposta de intervenção na comunidade em relação a um problema social relevante.

É preciso superar o modelo tradicional começando pela sala de aula, formando professor por professor, para que a qualidade da educação no Brasil seja elevada a resultados comparáveis aos países com altos índices de aproveitamento escolar. Não somente os professores, mas também as equipes de peso pesado e equipes autônomas<sup>2</sup> devem promover, em passos firmes e constantes, mudanças que levem o processo de ensino-aprendizagem em direção à inovação disruptiva da sala de aula e, aos poucos, tais equipes devem reconfigurar a cultura escolar por meio da cultura digital e superar o modelo da era industrial – fileiras, modelo de caixa de ovo).

Não compete somente aos professores e alunos realizarem tal salto, as universidades precisam inserir em seus currículos disciplinas referentes ao ensino híbrido, os órgãos governamentais precisam investir em infraestrutura para realizar as inovações, as diretorias regionais de ensino precisam promover formações de médio e longo prazo relacionadas a) à aprendizagem ativa, b) à avaliação como instrumento de reorientação da prática pedagógica e c) à elaboração de atividades em segmentos de proficiência. Tudo isso para gerar dados e verificar impactos positivos nas escolas com a finalidade de multiplicar as boas práticas pedagógicas. A seguir, uma reflexão a respeito da importância do ensino híbrido para a formação integral de crianças e adolescentes:

[...] personalizar não é traçar um plano de aprendizado para cada aluno, mas utilizar todas as ferramentas disponíveis para garantir que os estudantes tenham aprendido. Se um aluno aprende com um vídeo, outro pode aprender mais com uma leitura, e um terceiro com a resolução de um problema – e, de forma mais completa, com todos esses recursos combinados. Quando um professor usa um texto e a mesma sequência de exercícios para todos os

---

<sup>2</sup> São equipes capazes de solucionar problemas que vão além de questões pedagógicas. As equipes peso pesado resolvem problemas estruturais da escola, ao passo que as equipes autônomas têm o poder de criar inovações disruptivas, como, por exemplo, reconfigurar os espaços físicos da escola.

estudantes, ele exclui essas possibilidades e impõe um único caminho para construir o conhecimento. A personalização não é um projeto de implementação e desenvolvimento imediato, ela deve ser trabalhada em todos os momentos, desenvolvendo uma nova cultura escolar. O computador é apenas uma ferramenta que apresenta diversas possibilidades de acessar a informação (BACICH et al., 2015, p. 98).

## REFERÊNCIAS

BACICH, L; TANZI NETO, A; TREVISANI, F. M. (Org.) *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. INEP. IDEB - *Resultados e metas*. 2017. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BRASÍLIA. MEC. *Base nacional comum curricular: Educação é a base*. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

DRUCKER, P. F. *O gerente eficaz*. 11. ed. São Paulo: Grupo Gen – LTC, 1990.

HORN, M. B. *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Currículo da cidade: Componente curricular Língua Inglesa*. 2017. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/47277.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

## SUSTAINED INNOVATIONS IN THE CONTEXT OF BASIC EDUCATION

**ABSTRACT:** In this paper, we discuss topics of blended learning to verify the possibilities of application of rotational stations models and rotational laboratory in the author cycle of the municipal public education of São Paulo. We organize the article in three parts: the first, we present the difference between sustained innovation and disruptive innovation; the second, we discuss the connection between guiding documents and the results of public education performance in Sao Paulo to justify the insertion of sustained innovation in the curriculum; and the third part, we present a proposal of activity to teaching languages in the contemporary context. In the final considerations, we point out that the use of hybrid models reconfigures the teaching performance towards the quality teaching-learning process.

**Keywords:** Blended learning. Sustained innovations. Teaching languages.

**Envio: março/2019**  
**Aceito para publicação: dezembro/2019**